



## XXVI Congresso Brasileiro de Neurologia

### **AS MUSAS DA HISTERIA DA ESCOLA DE CHARCOT**

34433 - Mesa Redonda - 10/11/2014

Péricles Maranhão-Filho

Departamento de Neurologia. Faculdade de Medicina - Hospital Universitário Clementino Fraga Filho. Universidade Federal do Rio de Janeiro. pmaranhaofilho@gmail.com

A história de Salpêtrière começa em 1634, quando um arsenal foi transferido da Bastille. O nome “sal da pedra” decorre do fato que o sal das pedras da construção podia ser utilizado como matéria prima para pólvora. Um decreto de 1656 determinou que os pobres de Paris fossem confinados no conjunto composto por 8 prédios que compunham o “Hôpital Général de la Ville de Paris”, e que incluíam La Pitié e La Salpêtrière. Estes “hospitais” não tinham a obrigação de tratar seus doentes. Eram apenas abrigos para pobres, desafortunados, insanos, órfãos, crianças abandonadas, idosos carêntes e mulheres de “vida fácil”. Em 1684, além de tudo, lá se estabeleceu “La Force”, uma prisão que recebeu 300 prisioneiras e prostitutas<sup>1,2</sup>. Em 1862, Jean-Martin Charcot (1825- 1893), e Alfred Vulpian (1826-1887), tornaram-se diretores de clínica em Salpêtrière. Vulpian, lá ficou por apenas 5 anos. Charcot permaneceu por mais de 30 anos - até sua morte em 1893. O “Hospício de mulheres” como era chamado, chegou a contar com 4.422 camas, dois terços dos quais reservados para indigentes e epiléticos, e um terço para mulheres com problemas mentais. Charcot chamava Salpêtrière de “O grande asilo da miséria humana” (Figura 1).

Local de trabalho onde muitos viam como o fim da carreira, mas que Charcot anteviu sua grande oportunidade.

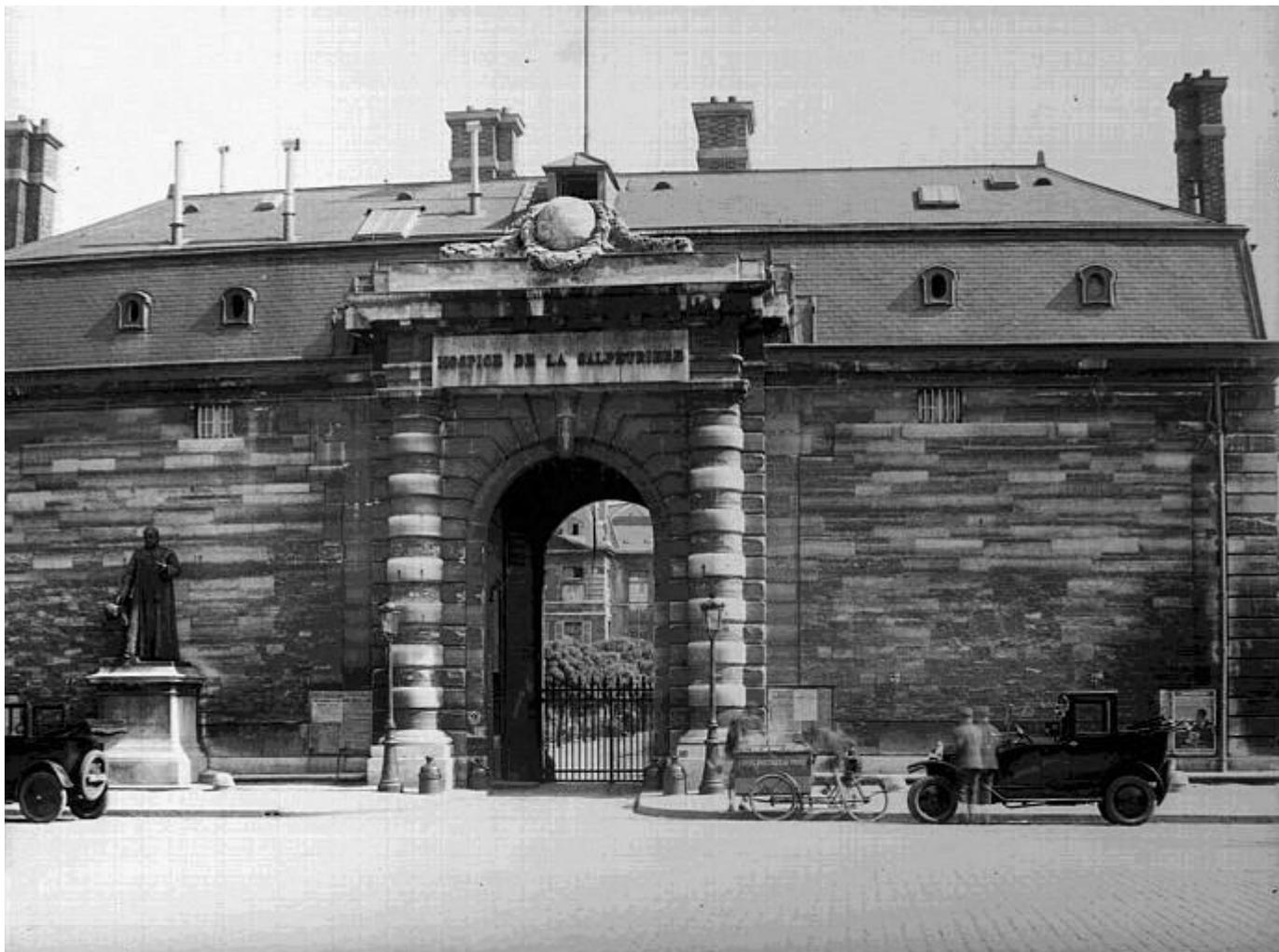


Figura 1. “La Salpêtrière”, portão principal com a escultura do professor J-M Charcot a esquerda.

Devido a uma decisão administrativa de 1870, que resultou no realojamento de pacientes dentro de Salpêtrière, Charcot passou a ser o responsável por um volume maior (150 leitos) de pacientes histéricos, epiléticos e alienados. Surgiu daí sua principal motivação para dedicar-se ao estudo da histeria<sup>2,3</sup>. A histeria, pelo menos parcialmente, representava um fenômeno social da repressão feminina vivida naquela época.

A mulher era definida exclusivamente por sua relação com os homens.

Durante a década de 1870's, três jovens mulheres frequentavam como "modelos de demonstração" a sala de histeria dirigida por Charcot. As três – Blanche, Augustine e Geneviève – sem pais presentes, solteiras e pobres, se viam num mundo de pouca utilidade para elas, mas se tornaram celebridades médicas. A doença destas mulheres era histeria. Nesta época, histórias a cerca de pacientes histéricos enchiam as colunas dos jornais e se transformavam em histórias de ficção pelos romancistas. Todas as semanas multidões ávidas, inclusive artistas, escritores, socialites, estudantes de medicina, médicos ou simplesmente curiosos, corriam ao hospital para assistir às demonstrações de histeria de Charcot. Histeria havia se tornado num espetáculo fascinante. Mas quem eram estas mulheres histéricas?

**Blanche Wittmann (1859-1913):** a "diva da histeria", certamente foi a musa mais famosa de Charcot. O que muito contribuiu para isso foi ter-se imortalizado no quadro mais representativo da história da Neurologia; a obra de André Brouillet (1887) "Uma lição clínica em Salpêtrière"<sup>3,4</sup>. Wittman, mais do que ninguém, desempenhou papel importante na elaboração das concepções de Charcot sobre a histeria e a hipnose.

Marie e/ou Blanche Wittmann? Existem dúvidas a respeito do seu nome. Os arquivos da Assistência Pública, conservam o registro pessoal. A denominação Mlle W. havia sido utilizada ha algumas semanas nos hospitais, nos registros de entradas; um dossiê com o nome de Marie Wittman, nascida em 15 de abril de 1859 em Paris, admitida em 6 de maio de 1877 como epiléptica simples, na 5a divisão, 2a sessão.

Está relatado na data de 7 de maio de 1877: "W. é grande

(1,64m) de forte corpulência (70kg). Ela é loura e de tez linfática. A pele é branca... os seios são muito volumosos... sua inteligência é mediana. A memória bastante boa. Seu olhar é brilhante: a visão e o contato dos homens produzem-lhe uma espécie de excitação especial” (Figura 2).

Seu pai (Charles), de origem suíça, enlouqueceu. Sua mãe, morta em 1872, apresentava crises de nervos. Nove filhos compunham a família; 5 estavam mortos, 4 de convulsões, e 1 de epilepsia: dois homens e duas mulheres sobreviveram. Mlle W. tinha apresentado convulsões desde a idade de 22 meses; mal sabia ler e escrever. Com a idade de 12 anos “foi acometida de acidentes nervosos mais graves dos que tinha tido até então: perdia consciência, urinava-se e apresentava também abalos que a faziam deixar cair os objetos”. Sem nenhuma dúvida Mlle W. era epiléptica <sup>5</sup>.

Wittmann trabalhava como lavadeira. Hospitalizou-se na Salpêtrière afim de facilitar sua admissão no serviço especial de epiléticos. Entrou como servente. Cumpriu as funções durante alguns dias, conseguiu um leito na enfermaria e, enfim, foi recebida na sessão de epiléticos não alienados em 6 de maio de 1877”.

De 7 de maio de 1877 a 12 de setembro de 1879 há um verdadeiro diário redigido pelos observadores que anotaram



Figura 2: Blanche/Marie Wittman. (<http://baillement.com/lettres/charcot-brouillet.html>)

todas as manifestações: compressões variadas, inalação de éter, de nitrito de amido, iodeto etílico, eletricidade estática, placas de metal, etc <sup>5</sup>.

Mas o que aconteceu com Mlle W.? Baudouin (1925) a havia encontrado em 1905. Ela era Blanche e havia parado bruscamente de ter crises. Continuava em Salpêtrière onde após ter sido empregada no laboratório de fotografia, trabalhava no laboratório de radiologia fundado em torno de 1900 <sup>3,5</sup>. Quando questionada se na época de Charcot suas crises eram simuladas e que na verdade as pacientes fingiam dormir (não se utilizava ainda a expressão hipnose), respondeu: “Não há nada de verdadeiro nisso, são mentiras. Se nós dormíamos, se nós tínhamos crises é porque era impossível que nos comportássemos diferente. Aliás, não era nada agradável. Simulação? Você acredita que seria fácil enganar M. Charcot? Sim, houve algumas farsantes que tentaram; mas ele lhes dava um simples olhar e dizia – “fique

tranqüila”.

**Louise Agostine Gleizes**, nascida em 21 de agosto de 1861, entrou para o Serviço Salpêtrière (Charcot), em 21 de outubro de 1875, com a idade de 15 anos e meio, em decorrência de paralisia do braço direito e crises graves de histeria precedida por dor abdominal <sup>6</sup>. Vítima de assédio sexual aos 10 anos de idade foi estuprada aos 13. Nas suas crises Agostine expressava uma variedade de trejeitos que simbolizavam ataque sexual. Charcot descreve os movimentos de Agostine como; "uma coréia rítmica" (lição em novembro de 1877). Quando as crises epilépticas cessam por compressão de ovário, o período de "atitudes passionais" e alucinações dá oportunidade para fotos de caráter quase erótico. Segundo Bounerville, a brancura da sua veste, revelando um amplo decote e expondo suas coxas, além das poses e do sorriso, que em nada lembram uma criança, contribuíram muito para construir sua fama <sup>1</sup>. Agostine foi um dos “casos” mais fotografados e estudados por Charcot <sup>6</sup>. Consta que durante sua inerteção teria sido estuprada diversas vezes.

Agostine deixa o serviço em 18 de fevereiro de 1879, mas continua a viver em La Salpêtrière como faxineira, ganhando 15 francos por mês pelos próximos 16 meses. Embora pareça curada, Charcot a chama periodicamente para uma demonstração de hipnotismo. Portanto, o volume 3 da Iconografia, publicado em 1880, contém fotos com ela de avental branco, indicando sua condição de cuidadora, como ilustra a famosa fotografia "letárgico, contraturas artificiais." Modelo cataplexia, e de "dobrar-se" ou "arcboutée", permanecendo na horizontal, apoiando-se apenas no pescoço e nos tendões de Aquiles, fenomenalmente, uma postura difícil de acreditar (Figura 3).

Como Wittman, Agostine aprecia inalação de éter (e

clorofórmio) <sup>2</sup> que causa euforia com pensamentos eróticos centrados em seu amante, que ela se recusa revelar sua identidade.



Planche XIV

LÉTHARGIE  
HYPEREXCITABILITÉ MUSCULAIRE



Planche XV

CATALEPSIE

Figura 3. Louise Agostine Gleizes. (Iconographie photographique de La Salpêtrière, 1880)

Agostine finalmente se rebelou contra o seu estatuto de "estrela" (ou musa) e fugiu (segundo alguns, vestida de homem) de La Salpêtrière. Pouco depois, foi localizada no livro de admissões do Charity Hospital, onde permaneceu por seis dias. Diagnóstico: "celulite do ligamento largo." De acordo com o registro ela morava na 19 rue Sommerard, distrito Vth, de Paris. Nenhuma outra informação está disponível e a causa e data de sua morte são desconhecidas.

**Genèvieve de Loudun** nasceu na cidade de Loudun, região ocidental da França, em 2 de janeiro de 1843, numa vila com

estreitas relações históricas com a possessão demoníaca. Seu local de nascimento, fervor religioso e seus atos dramáticos de auto-mutilação, deram a esta jovem a chance de se considerar uma “quase santa”. Ela chegou a Salpêtrière em 1864, carregando um crucifixo <sup>2</sup>. Não possuía aprendizado formal e não tinha cultura, mas havia aprendido a ler sobre “A vida dos Santos”. Seus médicos inclusive consideravam que estas leituras exacerbavam suas crises. A difícil tarefa de Charcot era provar que o comportamento de Genèvieve resultava de uma condição neurológica. Durante seis anos seus delírios eróticos incluíam longas citações e “expressões de extrema lacividade”.

A história de Genèvieve começava com nascimento ilegítimo e subsequente abandono. Suas auto-mutilações, cortando parte dos seios, lembram mutilações similares de religiosas russas recentemente descritas. Genèvieve passou por diversos serviços de vários alienistas onde Bourneville teve oportunidade de observá-la e tratá-la. Durante o cerco de Paris, ela fugiu e foi presa pela polícia como espiã. Os policiais não acreditaram que a recusa dela em responder as perguntas se devia a “mutismo histérico”. Genèvieve se tornou uma das realocadas do serviço de Charcot, agora reclassificada como “epiléptica simples”. Lá permaneceu por 3 anos até ser enviada de volta a Delasiauve’s, na enfermaria para insanos. Em 31 de agosto de 1867, Genèvieve retorna à Salpêtrière grávida. ela teve uma menina em 27 de fevereiro de 1868 <sup>2</sup>.

A vida em Salpêtrière era muito difícil. Tanto do ponto de vista material quanto psicológico <sup>2</sup>. Alguns aspectos sombrios do regime de Salpêtrière ficam evidente quando vistos hoje. Genèvieve por exemplo; após retornar à enfermaria dos insanos desafiou a autoridade do administrador do hospital; foi-lhe então indicado o mesmo “tratamento” imposto aos pacientes que se recusavam falar ou comer. Intubação e

banhos de mostarda, “que elas não esqueciam”, como método punitivo e terapêutico. Como parte do tratamento da histeria, Charcot também, e eventualmente, recomendava “duchas” extras ou punitivas, que eram banhos com jatos d’água fria, cinco ou mais vezes por dia (e durante a noite), ou imersão em banheiras com água gelada, para “dominá-las”. Há o relato de um episódio particularmente cruel e difícil de se imaginar. Surpreendentemente, “em 22 de novembro de 1873, uma paciente foi submetida à cauterização do colo uterino com ferro quente. A introdução do espécuro foi difícil, tendo causado muito sofrimento devido ao severo vaginismo...”<sup>2</sup>.

Por outro lado, mesmo sendo este um padrão de conduta antigo e estabelecido, alguns eram contra. Bourneville por exemplo clamava por uma grande reforma. Ele deplorava estas condições e citava como, na sua superstições religiosas, contribuíam para a perseveração da doença.

Finalizando, cumpre lembrar que as idéias de Charcot estavam longe de serem abraçadas com unanimidade.



Figura 4. Genèvieve de Loundun. (Iconographie photographique de La Salpêtrière, 1877 & 1878)

Seus opositores consideravam dentre outras que: “As histéricas de Salpêtrière eram tão "bem sucedidas" nos papéis sugeridos para elas que seus sofrimentos acabavam perdendo algo como a credibilidade básica<sup>6</sup>. Outros ainda consideravam que o objetivo maior de Charcot foi transformar suas histéricas, com suas crises bizarras e espasmos, em espécimes médicas ideais – em bonecas vivas<sup>1</sup>. Mas o tempo tem demonstrado

que apesar de alguns erros, a contribuição de Charcot no campo da histeria foi enorme e se mantém até os dias atuais. Ele conseguiu tirar a histeria da obscuridade, a distinguiu da epilepsia e das outras enfermidades mentais, e a identificou como uma forma nosológica pura.

#### Referências:

- (1) Poirier J. The history of neurosciences at La Pitié and La Salpêtrière. Disponível em: <http://www.baillement.com/lettres/histoire-salpetriere-engl.html>
- (2) Walusinski O. The girls of the Salpêtrière (In) Hysteria: The Modern Birth of an Enigma' Editor: J. Bogousslavsky (Montreux) Frontiers of Neurology and Neuroscience 2014;33:1-10.
- (3) Harris JC. A Clinical Lesson at the Salpêtrière. Arch Gen Psychiatry 2005;62:470- 472.
- (4) Maranhão-Filho P., Blanche Wittman "La diva de la Histerie". Rev Bras Neurol. 2012;48(3):47.
- (5) Signoret JL."A Clinical Lesson at the Salpêtrière" (1887) by André Brouillet. Rev Neurol (Paris). 1983;139(12):687-701.
- (6) Didi-Huberman, Georges. Invention of hysteria : Charcot and the photographic iconography of the Salpêtrière. Graphic Composition, Inc. U.S.A. 2003.